

# Dívida externa, um desafio para o PMDB

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O presidente do PMDB e da Câmara, Ulysses Guimarães, viveu uma das semanas mais tensas de sua longa carreira política. Depois de mais de 20 anos, o presidente do MDB e do PMDB ouviu o que ouviam dirigentes da Arena e do PDS: vaia. Faltou pouco para se repetir a cena de violência que Ulysses enfrentou em Salvador, na campanha eleitoral de 1976, contra a Polícia Militar, suas baionetas e seus cachorros.

As vaia — poucas — que o presidente do PMDB recebeu no tarde de quinta-feira foram dirigidas mais ao apoio que o PMDB, pela sua palavra, deu ao novo Plano Cruzado, e menos ao homem público que por longos anos lutou, com coragem e devoção, contra o regime autoritário e a favor da democratização do País.

Com sua vivência e conhecimento de líderes e de liderados, Ulysses Guimarães sabe, mais do que ninguém, como a multidão é flutuante, volúvel, mutável ao sabor dos acontecimentos, a uma voz de comando. Ele já passou por episódios graves na vida político-institucional do País para não ficar insensível. Conhece as reações populares e sabe distinguir protesto de agitação, reivindicações de provocações.

Longe da Esplanada dos Ministérios, outros milhões de brasileiros, de todas as classes, também protestam contra o novo Plano Cruzado. Quase sempre em silêncio, mas com revolta.

O governo já deve estar sabendo que o eleitor se sente frustrado, ludibriado, iludido. Em 15 de novembro, milhões deram um cheque em branco ao presidente Sarney e ao PMDB. As urnas ainda estavam sendo apuradas quando veio a má notícia, num péssimo informativo. Os ministros da área econômica não levaram a opinião pública na devida conta. Fizeram porque fizeram. Ouviu quem quis ouvir. Aceitou quem quis aceitar. Pelo que está acontecendo, não é mais assim.

Ulysses Guimarães é um político bem informado. Ouve e é ouvido. Dentro e fora do Congresso, inclusive do outro lado da rua. Os governadores e constituintes eleitos, depois que conversam com Sarney, não deixam de passar na Câmara para conversar com o presidente do PMDB. De todos ele tem ouvido críticas, reclamações, pelo que o governo fez e como fez.

Se não dá para alterar o novo Plano Cruzado, o PMDB, pelos seus principais líderes, pretende agora encontrar uma tábua de salvação — a dívida externa. Se Paulo Maluf, governador de Pernambuco, e o PMDB acreditem que o inimigo público nº 1 a ser combatido sem tréguas é a dívida externa.

O tema poderá empolgar a opi-

nião pública, tirando o Palácio do Planalto e o PMDB do vermelho.

Para o PMDB, disse o líder Pimenteda Veiga com todas as letras, o problema da dívida externa passou a ser "questão nacional". Os tumultos na Esplanada dos Ministérios, na praça dos Três Poderes e na estação rodoviária de Brasília servirão como uma espécie de relatório, a ser exibido como advertência aos que recebem, por mês, lá fora, um bilhão de dólares.

Há o receio de que a agitação de Brasília possa ser um sinal, uma senha pré-combinada para outras explosões nos grandes centros do País do perigoso "confronto de rua" de que falava o falecido senador Teotônio Vilela. O novo Plano Cruzado, se não agradou, também não é questão de vida ou morte. Mas o governo, se seguir os conselhos do PMDB, não vai deixar de usá-lo como justificativa de seu projeto de renegociar o pagamento da dívida externa.

No governo, por ora, não se menciona moratória. No PMDB, por enquanto, a palavra ainda está sendo evitada. Os líderes do novo "maior partido do Ocidente" preferem falar em "renegociação" ou "suspensão negociada" dos pagamentos. O Brasil reconhece sua dívida, como tem reconhecido, mas passaria a por sobre a mesa um dado importante: não dá mais para continuar pagando os 12 bilhões de dólares por ano.

Junto com as autoridades do governo brasileiro, os credores serão "convidados" a pensar juntos, a solucionar juntos o grave problema. "Não vamos dar calote em ninguém. Mas temos de pedir tempo, respirar, traçar nova estratégia, e depois voltar ao jogo. Caso contrário, vamos cair em campo, sem forças para continuar jogando" — foi a imagem feita por um influente líder do PMDB.

Nas conversas informais de parlamentares peemedebistas, um deles, Egídio Ferreira Lima, lembrou que Tancredo Neves, numa entrevista, não hesitou em falar da gravidade da dívida externa. Disse que tentaria a renegociação. Se não desse certo, a solução seria mais drástica: criar um grande contencioso.

No "compromisso com a Nação", que oficializou a Aliança Democrática — PMDB e Frente Liberal — está dito sobre o assunto: "reprogramação global da dívida externa, em condições que preservem o povo de sacrifícios insuportáveis e resguardem a soberania nacional".

Para quem já esqueceu, assinaram o documento, no dia 7 de agosto de 1984, Ulysses Guimarães e Tancredo Neves, pelo PMDB, e Aureliano Chaves e Marco Maciel, pela Frente Liberal.

O PMDB pretende sugerir aos demais partidos um esforço comum, de colaboração com o governo Sarney, para a renegociação da dívida, a ser tratado como assunto de soberania nacional. Resta saber se lá fora os credores vão deixar que o Brasil jogue o seu novo jogo. F.M.